

Clara Nunes Correia

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

O VALOR DO ARTIGO Ø EM PORTUGUÊS

O estudo do valor dos artigos definidos e indefinidos constitui um dos pontos importantes para a compreensão da determinação nominal.

Se nos centrarmos, por exemplo, em Corblin (1987), verificamos que existem diferentes classes de interpretação quer para as expressões definidas, quer para as expressões indefinidas, que ultrapassam em muito o conforto de uma arrumação que a ocorrência do artigo definido ou do artigo indefinido oferece, isto é, verifica-se que a oposição o/um não pode, por si só, criar uma tipologia de coincidências absolutas de forma a definir como genérico ou específico cada um dos enunciados. Esta constatação é evidente nos exemplos clássicos de 1.

1- a- Está um homem à tua porta

b- Um homem não é de ferro

c- O homem já chegou

d- O homem é mortal

Mais do que essa oposição é preciso ter em conta o tipo de enunciados onde cada um dos artigos ocorre e determinar,

simultaneamente, qual o valor do enunciado entendido na sua totalidade e qual a operação que cada um dos artigos marca no enunciado onde se situa.

Por outro lado, e retomando a divisão triádica das categorias nominais propostas por Culioli (1975) em discretos, densos e compactos, verificamos que sendo *homem* um nome discreto a pluralização de um só é possível em alguns dos exemplos de 1, como aliás, se verifica em 2, enquanto que em qualquer ocorrência do plural de *o* existe sempre gramaticalidade.

2- a- Estão uns homens à tua porta

b- *Uns homens não são de ferro

c- Os homens já chegaram

d- Os homens são mortais

Ainda retomando outra das características inerentes dos nomes discretos - a possibilidade de serem enumeráveis - verificamos algumas curiosidades com o paradigma de 1 em

3- a- Estão dois homens à tua porta

b- *Dois homens não são de ferro

c- Dois homens já chegaram

d- *Dois homens são mortais

O comportamento dos artigos definidos e indefinidos com as outras classes de nominais - densos e compactos - produziriam discrepâncias igualmente interessantes que, de algum modo já foram discutidas num trabalho anterior¹ e a que voltaremos um pouco mais tarde.

As razões de ser das possibilidades/impossibilidades das ocorrências de 2 e 3 têm sido tratadas na literatura tendo em conta o valor genérico e não genérico de cada um dos enunciados. Recordemos aqui, por exemplo, os textos de Carlson 77, 82 e 89 em que é proposta uma tipologia da genericidade e sobretudo o estudo de A. Lopes 1992. De acordo com este trabalho poderíamos aceitar como genéricas as sequências 1-b e 1-d, sendo não genéricas as restantes. Seria um primeiro passo para se perceber a razão das impossibilidades de ocorrência quer da pluralização do artigo indefinido em 2-b, quer a impossibilidade de enumeração em 3-b e 3-d.

Outra possibilidade de análise dos factos exemplificados em 1, 2 e 3 poder-se-á prender com o estudo feito à volta do valor que os artigos definidos e indefinidos podem assumir. Para O. Lopes (1991) por exemplo: "(...) o artigo definido assinala um conjunto singular ou plural discursivamente pré-construído (...) e o indefinido *um* tem um (...) sentido partitivo, que pressupõe uma pré-construída asserção de existência e um sentido não pré-construído, explicitamente existencial." (op. cit. 31 e 36).

¹ Ver Correia, 1992

Uma outra forma possível de reequacionar a distinção que orienta o uso dos diferentes artigos, independentemente de os enunciados onde ocorrem serem ou não genéricos, baseia-se na proposta de Danon-Boileau (1987), que defende que o artigo teria a função de permitir "(...) definir qual o conjunto de relações (...) de que depende a validação do termo a que está associado (podendo tratar-se de relações que se estabelecem no enunciado em curso ou num enunciado anterior) e determinar - parcial ou totalmente - entre os três elementos da *lexis* - aquele que é tematizado na relação predicativa (...)" (op.cit : 35).

Este trabalho de Danon-Boileau assenta nos princípios teóricos definidos pela Teoria Formal Enunciativa proposta por Culioli que define, como operações de determinação, os arranjos ponderados que Qnt e Qlt estabelecem entre si, num jogo de dominâncias e equiponderâncias de que os artigos *un*, *le* e *ce* (para o francês) são marcadores.

Aceitando esta proposta teórica, deixa de fazer sentido falar de definido/indefinido já que estas classificações "(...) não nos dizem muito para além da repartição "intuitiva" baseada numa análise distribucional. A própria intuição baseia-se sobre uma concepção "naïve" da referência, concebida como uma correspondência (...) imediata entre um texto e um fragmento da realidade. (...) " (Culioli, 1983: 21)

Nesta comunicação iremos centrar-nos no estudo das ocorrências dos marcadores da operação de determinação nominal - os artigos *o*, *um* e sobretudo do artigo \emptyset , que, podendo ser considerado tradicionalmente como um indefinido com valor partitivo e que ocorrendo indiferentemente em enunciados com valor genérico e em

enunciados com valor específico, possui, no entanto, algumas características que o distinguem dos indefinidos realizados foneticamente.

Se retomarmos os exemplos de 1, 2 e 3, substituindo os marcadores de determinação o/um pelo artigo \emptyset obteremos as seguintes sequências:

1'- a- * Está \emptyset homem à tua porta

b- * \emptyset homem não é de ferro

c- * \emptyset homem já chegou

d- * \emptyset homem é mortal

2' e 3'- a- Estão \emptyset homens à tua porta

b- * \emptyset homens não são de ferro

c- * \emptyset homens já chegaram

d- * \emptyset homens são mortais

As agramaticalidades das sequências acima exemplificadas mostram-nos que o artigo \emptyset não pode ser substituído nem do artigo o (\pm singular), nem do artigo um (\pm singular), à exceção das ocorrências 2' e 3' - a; por outro lado em 2' e 3' a sequência seria bem formada se o SN - \emptyset homens - ocorresse numa posição pós-verbal. Estas observações, por demais evidentes, sugerem as seguintes e prévias conclusões: não há possibilidade de utilizar

indiferentemente o artigo **um** ou o artigo \emptyset ; se para **um** a ordem das palavras de um enunciado é importante, para \emptyset há restrições ainda mais claras na forma como a sequência do enunciado é construída; com enunciados com valor -genérico só é possível a alternância **um**/ \emptyset para um SN plural sem determinante que esteja numa posição pós-verbal.

Se alargarmos estas observações às outras classes de nominais, - densos e compactos - recolheremos algumas sequências curiosas.

Como exemplo dos densos utilizaremos o nome 'arroz' a partir de um enunciado genérico em 4 e de um específico em 4':

- 4- a- o arroz é um cereal / *os arrozes são cereais
b- *um arroz é um cereal / *uns/dois arrozes são cereais
c- \emptyset arroz é um cereal / * \emptyset arrozes são cereais

- 4'- a- * \emptyset arroz está no prato / * \emptyset arrozes estão no prato
b- *um arroz está no prato / *uns /dois arrozes estão no prato
c- o arroz está no prato / *os arrozes estão no prato

Em 5 e em 5' utilizaremos alguns exemplos com o nome compacto 'paciência':

- 5- a- O João tem \emptyset paciência /*O João tem \emptyset paciências
- b- *O João tem uma paciência/* O João tem umas/duas paciências
- c- *O João tem a paciência /* O João tem as paciências

As agramaticalidades das sequências marcadas com * podem ser analisadas tendo em conta as propostas teóricas da Teoria Formal Enunciativa. Seguiremos de perto Danon-Boileau 1987 e Éric Gilbert 1993.

Danon-Boileau estabelece um paradigma de análise a partir da característica dos determinantes. De acordo com este autor, os artigos *o*, *um* e \emptyset vão relacionar-se com o domínio nocional a que N está associado. Assim, enquanto que *o*+N indica que a validação da noção correspondente a N não está dependente das relações definidas para o enunciado onde ocorre, *um*+N e \emptyset +N indicam que a validação da noção correspondente a N depende das relações definidas para o enunciado em curso. Só que, enquanto *o* e *um* deixam identificar o termo de partida do enunciado - para *o*, *um* argumento nominal e para *um* o predicado desse enunciado - o artigo \emptyset não permite essa identificação. Pensamos que talvez seja esta uma das razões por que todas as sequências com valor específico em que \emptyset ocorre numa posição pré-verbal são agramaticais.

Em 2' e 3'-a "Estão \emptyset homens à tua porta", as marcas de plural do nome e da flexão verbal são suficientes para validar a noção /homens/ como um número n de indivíduos pertencentes a uma

classe determinada. Os diferentes tipos de artigos, quando coocorrem com nomes densos e nomes compactos têm um comportamento interessante: em primeiro lugar, quer os compactos quer os densos, só se deixam enumerar através de um discretizador (caso dos densos), ou de um falso discretizador, marcador não de *quantidade* mas de *qualidade*, isto é, do grau de intensidade do nome, (como em "ele tem uma paciência de anjo", que ajudaria a resolver, por exemplo, a agramaticalidade de 5-b). Verifica-se, ainda, que neste paradigma a única sequência perfeitamente possível, sem ter necessidade de qualquer manipulação, é a sequência 5-a "O João tem \emptyset paciência" que respeita a definição básica dos nomes compactos, quer no que diz respeito à singularização desta classe de nominais², quer à sua característica de não se deixarem enumerar. Note-se, contudo, que, mais uma vez, a sequência \emptyset +N só ocorre numa posição pós-verbal, tal como acontecia com os nomes discretos, o que reforça a proposta de Danon-Boileau.

Com os densos verificamos que as sequências \emptyset +N só são possíveis desde que N tenha marcas de +singular e ocorra numa posição pós-verbal como, por exemplo em

6- O rapaz come sempre \emptyset arroz/ O rapaz come sempre o arroz .../
O rapaz come sempre um arroz...

6'- *O rapaz come sempre \emptyset arrozes/ *O rapaz come sempre os
arrozes .../ *O rapaz come sempre uns/dois arrozes...

² Sobre a singularização dos compactos ver Vogué, 1989

O exemplo 4-c "arroz é um cereal" só seria aceitável se constituísse uma retoma de um enunciado anterior como, por exemplo: "O que é 'arroz'? Arroz é um cereal". Note-se, ainda, que a possibilidade de ocorrência do artigo \emptyset com os nomes densos, em enunciados com valor genérico, obriga a restrições que incidem sobre o valor temporal do predicado, como se exemplifica em

faz

7- \emptyset arroz bem às crianças

*fez

As semelhanças que se podem detectar entre os nomes densos e os compactos³, na relação que o artigo \emptyset estabelece com as classes de ocorrências das noções nominais, não podem ser entendidas como meras coincidências. De acordo com a TFE os densos são aquilo a que Éric Gilbert chama uma "categoria compósita" que retém algumas das propriedades dos compactos, como a impossibilidade de se deixarem enumerar, e o facto de ambas não poderem estabelecer uma associação directa entre a noção e as classes de ocorrências dessas noção⁴.

Este facto faz com que se considere o artigo \emptyset como o marcador privilegiado da operação que marca a correspondência noção-classe de ocorrências, visto ser o marcador da operação qualitativa por excelência. Em

³ Note-se, no entanto, que os densos, por se deixarem fragmentar permitem um "prélèvement" que é feito através de um discretizador do tipo um quilo de..., uma garrafa de..., um prato de..., enquanto que os compactos não têm essa propriedade.

⁴ Sobre o conceito de noção e domínio nocional ver Culioli, 1981, entre outros

6- O João come \emptyset arroz

5- O João tem \emptyset paciência

estamos a referir-nos ao que é o "verdadeiro arroz" e o que é a "verdadeira paciência", isto é às noções /arroz/ e /paciência/ enquanto totalidades.

Recorrendo à definição de domínio nocional, constituído por um interior (I), uma fronteira (F) e um exterior (E), a relação que se estabelece em 6 é uma relação de diferenciação: "o verdadeiro arroz" só se pode opor ao que já não é arroz.

Esta característica dos densos - e obviamente dos compactos - não impossibilita a existência de ocorrências em português de $\emptyset + N$, quando N é discreto, como aliás se viu nos exemplos de 2 ("Estão \emptyset homens à tua porta"), ou em exemplos clássicos de enunciados genéricos como "os castores constroem \emptyset barragens". Aparentemente, o valor puramente qualitativo do artigo \emptyset , quando ligado aos discretos, deixa de fazer sentido em português, já que a interpretação de \emptyset em $\emptyset + N$ será sempre a de uma quantificação, resultado da "(...) extracção de uma ocorrência dentro da classe de ocorrências associadas à noção (...)" Gilbert, op. cit.:78.

Esta interpretação bloqueia, de algum modo, a proposta de Gilbert (op. cit.) que propõe que o artigo \emptyset seja a marca preferencial da operação QIt e não de Qnt - o que, em inglês, por exemplo, é mostrado como evidente em exemplos como

8- \emptyset Nouns are the largest class of words (exemplo de Gilbert, op. cit:75)

Em português é possível encontrar exemplos como os que ocorrem em 8. Veja-se o caso de

9- \emptyset Cadeiras são móveis

Nos dois exemplos o artigo \emptyset é interpretado como marcador de Qlt por resultar de duas operações individuação/totalização que constrói a identificação da ocorrência do nome discreto "cadeira" como ocorrência da noção /cadeira/, isto é, "do que é verdadeiramente cadeira". No entanto, em

10- * \emptyset Cadeiras são de madeira

esta possibilidade deixa de existir.

Pensamos que a disparidade de valores aparentes do artigo \emptyset (marcador de Qlt ou marcador de Qnt, isto é, marcador de totalização em certos contextos - com densos e compactos - e marcador de extracção com nomes discretos) não pode deixar de ser perturbante, não sendo aceitável que cada um dos exemplos onde

ocorra dê, por si só, resposta à opção de o artigo \emptyset ser uma ou outra coisa.

Naturalmente que uma forma de responder a estas dúvidas seria remeter toda a resolução do problema para a situação de enunciação, ou situação discursiva, cabendo ao falante/ouvinte descodificar qual o valor que deveria ser atribuído a \emptyset . Curiosamente esta é a solução proposta por Gilbert (op. cit: 76) que afirma que em

11- She gave them \emptyset milk and \emptyset cookies

a interpretação de quantificação ligada a *milk* e *cookies* é-nos dada pelo contexto e não pelo artigo \emptyset . Esta solução embora seja bastante confortável, não nos parece que indique, com precisão, qual o caminho a seguir.

Optaríamos, por isso, por uma hipótese mais arriscada.

Em 11 quer *cookies*, quer *milk* têm um comportamento de nomes discretos. Aquilo que o artigo \emptyset estaria a marcar não seria o retorno à noção, que iria permitir uma operação de totalização sobre a classe de ocorrências, mas a extracção de um dos elementos da classe de ocorrências dessa noção. Assim, e tal como acontecia com o exemplo 2-a', dá-se apenas o apagamento do discretizador, tal como em *milk* se faz aquilo que Galmiche (1987) chamou 'eclipse' do SN que serviria para discretizar *milk*. Assim, enquanto que em 9 o artigo \emptyset teria um valor puramente qualitativo, isto é, marcaria, dentro do domínio nocional, um percurso com

totalização (todas as cadeiras são móveis), em 2-a', por exemplo. Estaríamos face a um percurso rugoso, conservando-se evidentes as marcas de individuação de uma classe, dada quer pela ordem das palavras dentro do enunciado (tal como Danon-Boileau propõe), quer pelas marcas flexionais do predicado verbal.

Esta hipótese deve ser, no entanto, entendida como uma hipótese de trabalho a desenvolver. A continuação da investigação nesta área específica - a da determinação nominal - poderá vir ou a confirmá-la, ou a destruí-la. O risco que se assume não deixa, no entanto, de ser estimulante.

Referências Bibliográficas

- Carlson, G. (1977) - *Reference to kinds in English*, Ph. D. Dissertation, University of Massachusetts, Amherst.
- Carlson, G. (1982) - "Generic terms and generic sentences", *Journal of Philosophical Logic*, 11, 145-181.
- Carlson, G. (1989) - "On the semantic composition of english generic sentences", in G. Chierchia, B. Partee e R. Turner (eds)-*Properties, types and meaning II*, Kluwer Academic Publishers, 167-192.
- Corblin (1987) - *Indéfini, défini et démonstratif*, Genève/Paris, Droz
- Correia, Clara (1992) - "A determinação: quantificação e qualificação", in *Actas do 8º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri.
- Culioli, Antoine (1975) - "Notes sur 'détermination' et 'quantification': définition des opérations d' 'extraction' et de 'fléchage'", *Documents de l'Université Paris 7*, CNRS, 1-14

- Culioli, Antoine (1981) - "Sur le concept de notion", *BULAG* 8, 62-79.
- Culioli, Antoine (1983) - "À propos de *quelque*", *Connaissance et Langage* 7, Paris, Éditions de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 21-29.
- Danon-Boileau (1987) - *Énonciation et référence*, Paris, Ophrys.
- Galmiche, Michel (1987) - "Massif/comptable: de l'un à l'autre et inversement" in *Termes massifs et termes comptables*, Colloque International de Linguistique, (Metz 1987), Paris, Klincksiek
- Gilbert, Éric (1993) - "La théorie des opérations énonciatives d'Antoine Culioli" in *Les Théories de la Grammaire Anglaise en France*, Paris, Hachette Supérieur.
- Lopes, Ana Cristina (1992) - *Aspectos de Genericidade*, Cadernos de Semântica 6, Lisboa, Faculdade de Letras.
- Lopes, Óscar (1980) - "Relações semânticas entre massivos, partitivos, colectivos e abstractos em português", comunicação apresentada ao XVI Congresso de Linguística e Filologia Românica, Palma de Maiorca (comunicação não publicada)
- Vogüé, Sarah de (1989) - "Discret, dense et compact. Les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale" in J.J. Franckel (ed) (1989) - *La notion de prédicat*, Paris, Université Paris 7, Collection ERA 642,1-37.